

**nº 62**  
**Março/  
Abril  
de 2001**

# Muitas e boas sementes se lançam à terra, mas...

*Cristina Loureiro*

## EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

**Directora**  
**Ana Vieira**

**Redacção**  
**Adelina Precatado**  
**Ana Paula Canavarro**  
**António Fernandes**  
**Fátima Guimarães**  
**Fernanda Perez**  
**Helena Amaral**  
**Helena Fonseca**  
**Helena Rocha**  
**Henrique M. Guimarães**  
**Lina Brunheira**  
**Maria José Boia**  
**Paula Espinha**  
**Paulo Abrantes**

### *Colaboradores permanentes*

**A. J. Franco de Oliveira**  
*Matemática*

**Eduardo Veloso**  
*“Tecnologias na Educação Matemática”*

**José Paulo Viana**  
*“O problema deste número”*

**Lurdes Serrazina**  
*A matemática nos primeiros anos*

**Maria José Costa**  
*História e Ensino da Matemática*

**Rui Canário**  
*Educação*

**Composição e paginação**  
**João Loureiro e Manuel Abrantes**

**Entidade Proprietária**  
**Associação de Professores  
de Matemática**

**Tiragem**  
**5200 exemplares**

**Periodicidade**  
**Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,  
Set/Out, Nov/Dez**

**Montagem, fotolito e impressão**  
**Scarpa**

**Nº de Registo: 112807**

**Nº de Depósito Legal: XXXXXX**

Sempre que acompanhava os meus alunos nos seus estágios numa escola básica 2/3 fui pensando como era louca a correria das aulas de 50 minutos. Era uma correria com várias facetas. O tempo da aula era insuficiente para fazer actividades envolventes, a aula era uma corrida contra o tempo. Nos intervalos, os alunos corriam para ir jogar à bola e chegavam à aula seguinte afogeados, mal tendo tempo para fazer todas as corridas que precisam para soltar energias. Uma manhã, ou uma tarde, era além disso um saltitar de assuntos, uma desconcentração e por isso uma perda de energias.

Também então fui pensando que não fazem sentido tantas disciplinas, nem tantos professores, para trabalhar com crianças de 10 ou 12 anos. As várias disciplinas são uma tendência para apresentar o conhecimento compartimentado e estanque e um corpo de muitos professores dificulta a criação e o funcionamento de uma equipa orientadora, de que as crianças tanto precisam, e que é fundamental para apoiar o trabalho dos professores.

Ao assistir e participar em aulas de tantas turmas diferentes, na mesma escola e em escolas diferentes, senti de facto realidades muito diversas que não podem ser encaradas da mesma maneira.

Por estas razões só poderia ficar agradada com alguns dos aspectos fundamentais da reorganização curricular consignada no Decreto Lei nº 6/2001.

Blocos de aulas de 90 minutos que vão facilitar o recurso a metodologias activas. Num dia de aulas os alunos trabalharão, no máximo, quatro assuntos.

As novas áreas não disciplinares, a que há quem já prefira chamar mais correctamente áreas integradoras: área de projecto, estudo acompanhado e formação cívica. A redução do número de professores por turma e a redução do número de turmas por professor, visto que cada professor pode estar mais horas com cada turma. A consignação de que seja feito para cada turma o projecto curricular de turma e para cada escola o projecto curricular de escola.

Apesar de todos os aspectos positivos deste decreto, e do facto de ele se sustentar em experiências das muitas escolas que aderiram ao Projecto da Gestão Flexível do Currículo, a sua existência e aplicação levanta muitas questões. Onde estão as medidas e incentivos para a fixação dos professores às escolas? Onde estão as medidas para acabar com os turnos duplos e para termos escolas e turmas com um número aceitável de alunos? Onde estão as medidas que permitam cada turma ter a sua sala e os professores terem espaços de trabalho nas escolas? Onde estão as medidas de construção e manutenção de escolas como espaços de trabalho agradáveis e acolhedores?

Todas estas medidas exigem meios e por isso é possível argumentar que o nosso país é pobre e ainda não tem esses meios. Mas são inaceitáveis estes argumentos quando se trata da educação.

Onde está uma política de avaliação que contribua para uma cultura de avaliação, aceitando a diversidade de percursos e de resultados? Não é este modelo de provas de aferição, nem o processo de avaliação das escolas que está em curso, que a favorecem.

Onde está uma política de produção de materiais para alunos e para professores, centrada na diversidade e flexibilidade que o decreto contempla? Não é a actual política de adopção de manuais que vai permitir o desenvolvimento de

(continua na página seguinte)